

## **Presenças não-masculinas em transmissões esportivas: Análise de recepções negativas a partir de um padrão de “quem” deve per(forma)r<sup>1</sup>**

Fellipe Moreira da SILVA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

### **Resumo**

O artigo busca observar como as marcas identitárias consideradas fora da norma do homem cis heterossexual em transmissões de futebol acionam respostas negativas a partir do pré-julgamento de quem está falando e não do conteúdo existente na mensagem. Analisando comentários nas redes sociais referentes as performances de Isabelly Moraes, primeira narradora de rádio de Minas Gerais e Luciana Zogaib, primeira mulher a narrar um título de um time brasileiro em Libertadores, serão apresentadas reflexões sobre algumas camadas de violências que são praticadas a partir da deslegitimação do trabalho feminino neste ambiente altamente misógino.

**Palavras-chave:** Transmissões futebolísticas; performances; misoginia; machismo; recepções

### **Introdução**

Analisar o futebol e o ambiente que o envolve no sentido das regras e seus funcionamentos é bastante rotineiro. Assim como a participação da mídia nas coberturas esportivas, seu funcionamento logístico e técnico. Entretanto, pensar comunicação é pensar sociedade. Pensar em coberturas de futebol, nesta ótica, é se atentar também aos atravessamentos, violências e hostilidades que o meio oferece. A partir da perspectiva de José Luiz Braga (2011) sobre “interdisciplinarismo”, entrou em evidência um engajamento para estudar fenômenos comunicacionais em diálogos com outras áreas.

Fazer recortes de pautas sociais que atravessam os fenômenos é expandir o olhar para os debates. Braga (2011) aponta que “A questão que se coloca hoje é justamente a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail: [moreirafellipern@gmail.com](mailto:moreirafellipern@gmail.com)

de perceber as articulações entre o campo da Comunicação e outras áreas – o que se espera de cada lado da interface” (BRAGA, 2011, p. 64). E que essas questões sociológicas, linguísticas e até mesmo ligadas à antropologia são fundamentais para avançar os conhecimentos nos estudos da comunicação. Diante disso, o artigo discute sobre o pré-conceito em relação a participação, prática e consumo de eventos esportivos para mulheres. Neste caso, com o enfoque na recepção das performances de transmissões de futebol feitas por Isabelly Morais e Luciana Zogaib.

### Metodologia e fenômenos de análise

Muniz Sodré (2014) diz que transmitir é “comunicar uma notícia”. Para mulheres, será que transmitir as mensagens referentes aos jogos de futebol é suficiente?

A performance da narradora mineira Isabelly Morais é a primeira apresentada para ilustrar a análise. No artigo, são colocadas três tabelas com transcrições de narrações que ela fez, em comparação com narrações masculinas do mesmo jogo, do mesmo lance, do mesmo dia. Abaixo está uma dessas tabelas.

<b>Lance 2 - Gol de Neto Berola – Jogo: América MG 3x1 URT (Campeonato Mineiro – Fevereiro, 2019)</b>	<b>Transcrição:</b>
<b>Narração de Isabelly Morais (Rádio Inconfidência - MG)</b>	“Bola mais à frente, chegando com Zé Ricardo. Recuperou o time do América. Leandro, lado direito, quase perdeu. Faz o giro de corpo, tirou a marcação, fez o passe para o Berola. Na intermediária, de perna direita... gol! Do América! Foi só falar, foi só ‘cornetar’ que o passe não tava dando certo. Neto Berola, o passe chegou para ele. Em meio à marcação de perna direita finaliza rasteiro e iguala o marcador..”
<b>Narração de Ênio Lima (Rádio Itatiaia – MG)<sup>3</sup></b>	“Vem chegando pela direita, gira para cima do seu marcador, ganhou bonito, partiu pela meia direita, a jogada pode ser boa, Berola dominou, puxou, chutou... marcou! Berolou! Gol! do América! Neto Berola chutou no canto. Ele acreditou... agora tá um a um aos vinte e quatro minutos. Para queimar a confiança e queimar a língua, inclusive a minha...”

Neste caso, ambos trouxeram o desenrolar das tramas da jogada. Ela, inclusive, com um pouco mais de detalhes, e coincidentemente ou não, ambos assumiram que “queimaram” a língua ao criticar um possível erro de passe do jogo que acabou dando

<sup>3</sup> Link da Narração do Ênio: <https://www.youtube.com/watch?v=Nk53UNAPyJE&t=139s> - De 1 minuto e 19 segundos à 2 minutos e 09 segundos

Link da Narração da Isabelly: [https://www.youtube.com/watch?v=feCVv9hUs\\_M&t=149s](https://www.youtube.com/watch?v=feCVv9hUs_M&t=149s) - De 1 minuto e 43 segundos à 2 minutos e 29 segundos (Acessados em 09/05/11)

certo no fim. A narração evidencia uma mesma visão de jogo e relato e aplicação de palavras semelhantes. Na análise das três tabelas comparativas foram percebidos comentários do público em tom de crítica, atacando sua competência, como se ela não devesse estar ali por falta de “qualidade”. Por mais que se faça uma narração fiel aos acontecimentos ocorridos nos jogos, a presença das mulheres é, no mínimo deslegitimada. Há um julgamento negativo imediato a partir de uma ideia de não pertencimento, colocando em descrédito já no “boa tarde!”. Os comentários afirmavam que ela não é digna nem preparada para estar. Mesmo passando a mesma informação que a outra emissora de rádio passou, com um homem narrando, ela não é vista como “pertencente”. Este é um dos comentários:



A segunda personagem, Luciana Zogaib, possui um currículo que inclui atuações no rádio, em plataformas digitais, canais de *youtube* e também TV Pública, além de formações e especializações, como uma pós-graduação em jornalismo esportivo. Ela também foi a primeira mulher a narrar uma final da Libertadores em um estádio, em 2019. Um dos canais que ela trabalha – *Canal Goat* – denunciou diversos ataques machistas e misóginos. Muitos deles, recomendavam que ela assumisse uma posição de serviço, cozinhando, lavando roupa, etc, e não trabalhando com esporte. E mesmo com um currículo extenso que a narradora tem, com atuação em diversas emissoras, sustentada por sua formação, para algumas pessoas, é como se não devesse pertencer. Este é um dos comentários:



### **Fundamentação teórica**

Para fundamentar os debates a partir dos personagens e das situações dentro da metodologia, após a ideia de “interdisciplinaridade” de Braga (2011) e de transmissão de mensagens de Sodré (2014), foi o momento de Stuart Hall (2016) aparecer. Nas discussões sobre a performance da Isabelly, mesmo narrando os acontecimentos do jogo, há invalidação. Hall entende como “estereotipagem”, algo que reduz “as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais que são representadas como fixas por

natureza” (HALL, 2016, p. 190). As mulheres, geralmente, são taxadas de incapazes de entender e comentar sobre coisas relacionadas a jogos de futebol, sobretudo, articular um pensamento e emitir isso em uma transmissão. Hall (2016) aponta que esse tipo de situação reforça um exercício de violência simbólica que segrega e restringe possibilidades de ser.

Pensando com Ângela Marques (2012), à luz dos pensamentos de Jacques Rancière, é notada a perspectiva dessa ocupação como ato político, em que as atuações tornam-se cenas de dissenso, ou seja: que constituem quando “sujeitos que não eram contados como interlocutores” (MARQUES, 2012, p. 1) – neste caso, mulheres em transmissões esportivas – interrompem de algum modo aquilo que estava dado, que neste caso é a predominância e hegemonia de homens como narradores, e reenquadra a ideia enraizada do que é comum. Essa ideia enraizada do que é comum dialoga com a discussão de Jorge Cardoso e Juliana Gutmann (2019) sobre as expectativas de performance criadas pelo público, “com campos de experiência já consolidados, de modo que o engajamento mimético se desenvolve a partir desse regime interacional.” (GUTMANN, CARDOSO FILHO, p. 111). Ou seja, o que o público já imagina ver na TV – ou ouvir no rádio – dentro do “gênero” escolhido para acompanhar. No caso do futebol, imagina-se condutas masculinas à frente das transmissões.

André Brasil (2011) reivindica a “abertura da representação” para poder “aceitar ainda o caráter aberto das interpretações como atualização de uma relação de representação com o mundo” (BRASIL, 2011, p. 8). Mundo esse que, embora reproduza padrões, não possui “todos iguais”. As pessoas são singulares. Essa possibilidade de abertura traz, dentro do debate, uma reflexão que dialoga diretamente com o título de sua obra: “A performance: Entre o vivido e o imaginado”. Mostrar que o imaginado previamente, vezes de forma violenta e problemática, não se limita ao “lugar” que é certo ou errado porque as diversas camadas do “vivido” de pessoas distintas podem expandir as percepções do olhar. O que também evidencia que muitas vezes as “opiniões” são construções sociais. Em que se é induzido não a avaliar o fato, mas a pré-julgar, neste caso, pelo que se entende como não pertencente.

A partir das ideias de bell hooks (2018; 2020) é percebida a importância da educação feminista em massa para que haja contribuições de todo um coletivo em prol de desconstruções do que já está dado. Além disso, também da necessidade de fortalecimento da luta através do amor em comunidade, o que faz diferença no quesito de

união. bell entende que, para que haja construção de força de vontade e autoestima, o ambiente em que se vive faz toda a diferença. A autora destaca que para garantir uma sobrevivência, é preciso organização para “comunhão amorosa” em comunidade. A partir do compartilhamento dos interesses, luta pela vida e batalhas em comum.

A presença não masculina no meio futebolístico distante de uma perspectiva de submissão, propagandas sexistas ou comportamentos que reproduzem objetificação do corpo é uma afronta ao sistema misógino. As performances dissidentes propõem dribles – utilizando termos futebolísticos – no hegemônico. Essa perspectiva de drible dialoga fortemente com a ideia de “Encruzilhada” debatida por Luiz Rufino (2019). Este drible – ou ginga – de corpo e voz no hegemônico é como a descolonização explicitada por ele. É um tipo de instabilização da performance hegemônica, mesmo não rompendo-a totalmente. Que dá corpo a necessidade de valorizar a prática de transformação de uma “ação rebelde”. É uma tática de circulação de imagem e som contra hegemônicas.

Rufino (2019) apresenta a necessidade de fazer emergir “a invenção de novos seres. A resiliência = construção tática a partir dos cacos despedaçados pela violência colonial” (RUFINO, 2019, p. 9). Em que, também é apontado o conceito de transgressão, que aparece como desvio das injustiças. Esses desvios somam na revolução. Que, mesmo com muitos entraves, apresenta caminhos – mais que antes, em que isso nem sequer era debatido. Além de fortalecer a desarticulação de pensamentos coloniais para expandir o olhar sobre diversidades de mundos e convocar lutas para expansão e aberturas de caminhos – cruzos nas sabedorias. Na prática e também na teoria, com avanço das discussões, acesso à informação e valorização da educação – representado por ele pelo “Rolê epistemológico” – sobretudo quando se fala de grupos injustiçados e subalternizados historicamente.

### **Considerações finais e contribuições da pesquisa**

É importante reiterar que o ponto chave reflexão não é colocar o esporte como unanimidade. Nem dizer que toda mulher precisa gostar, sobretudo, atuar. Mas, por que algumas pessoas não podem? De onde vem a régua que mede quem pode ou não pode ocupar lugares? E isso é reproduzido até mesmo em comunidades historicamente injustiçadas. Não vem só do considerado o primeiro opressor, que é, evidentemente mais violento, mas o oprimido também oprime. O problema existe apesar das exceções. Ele violenta pessoas, deixa sequelas. As várias sequelas conversam intimamente com

---

violências em muitas camadas: falta de oportunidade de trabalho, assédios, deslegitimações, insultos, abordagens desrespeitosas, desmotivação, traumas, pressão estética, condições psicológicas – e muito mais.

Esta pesquisa visa contribuir com as reflexões sociais de desigualdades de gênero e raça, mas, sobretudo, fugir do que é rotineiro em estudos sobre futebol no campo da comunicação. Mostrar que o violento não é só o físico. Fazer marcações e enfatizar pautas que podem ajudar, em alguma escala, mesmo que pequena diante de toda uma estrutura, a diminuir violências. E fazer emergir também, de algum modo, o pensamento de que todo mundo pode contribuir, dentro do que lhe cabe, para desarticulações de violências que crescemos reproduzindo, mesmo “sem querer”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, André. **A Performance: entre o vivido e o imaginado**. Anais da Compós, 2011.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso, Porto Alegre: UNISINOS. Janeiro-abril, 2011

GUTMANN, J & CARDOSO FILHO, J. **Performances como expressão da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos**. INTEXTTO, n. 47, vol. 03, 2019, p. 104 – 120.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Cobogó. 2020.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência**. In: Revista Contracampo, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2012. Págs: 126 – 145

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do Comum: notas para o método comunicacional**. Editora Vozes, Petrópoles, 2014.